

ARQUITETURA RESIDENCIAL BRASILEIRA NO SÉC. XIX

Nestor Goulart Reis Filho

Estas notas reproduzem, com alguma aproximação uma palestra proferida no Museu Paulista, em 1965. A forma pela qual o tema havia sido proposto — Arquitetura Residencial do Brasil no século XIX — tinha em vista um esforço para esclarecer, nesse campo, algumas questões de ordem geral, como o grau de autonomia da História do Brasil. Para o nosso caso, tratava-se pois, de tentar medir o grau de dependência da história da arquitetura residencial do Brasil no século XIX, com relação à Europa, o que equivale a procurar verificar em que medida há uma história brasileira e uma arquitetura brasileira.

Salvo pela exceção de alguns poucos trabalhos, a arquitetura do século XIX do Brasil tem sido deixada à margem, até agora, como tema de estudo. Esse alheamento decorre, principalmente, de preconceitos acadêmicos ou anti-acadêmicos que tornam a análise da matéria pouco objetiva, abandonando alguns de seus problemas mais interessantes. Considerando-se porém, que no século passado o Brasil é aberto, pela primeira vez, às influências culturais internacionais e que sua arquitetura passa, nesse período, por grandes transformações, parece-nos que o tema como foi colocado, é do maior interesse, pois oferece a possibilidade de aferir os principais métodos e técnicas, diante de uma realidade nova, tentando avaliar em que medida a arquitetura no Brasil foi condicionada pelas condições sociais — no sentido mais amplo da palavra — e pelas condições de sua realização construtiva ou formal.

É claro que uma análise, tão breve como a que vamos proceder, da produção arquitetônica de todo um século no Brasil, não permite que se realize uma indução mais rigorosa, como seria de se desejar. Ainda assim, procuramos garantir a necessária objetividade, alicerçando os passos demonstrativos em exemplos e detalhes tão numerosos quanto o possibilitam a natureza e a extensão do trabalho.

O exame dos exemplos da arquitetura brasileira da primeira metade do século XIX, permite-nos compreender que esta continuou, na maioria, largamente vinculada aos padrões coloniais.

Conservando-se as condições de vida econômico-social do período colonial, como o trabalho escravo e a agricultura de exportação e reforçando-se mesmo as suas bases, com o desenvolvimento da cultura do café, estava assegurada a continuidade dos esquemas de produção e utilização da arquitetura. Os sobrados dos bairros novos do Rio de Janeiro, como os da rua da Praia, em Porto Alegre, construídos pelos mestres de obra portugueses, de modo simples e despretencioso, com suas fachadas revestidas de azulejos e os portais de pedra, obedeciam à mesma divisão interna dos sobrados setecentistas e utilizavam as mesmas técnicas construtivas cuja existência dependia, fundamentalmente, do trabalho escravo. O escravo continuava a ser mão de obra para a construção, como para o funcionamento das casas, desprovidas ainda, mesmo de serviços de água e esgoto.

Apenas os exemplos mais raros, da arquitetura oficial e as residências das famílias mais abastadas — sobretudo as dos grandes proprietários rurais — apresentavam alterações mais nítidas, com as quais se pretendia acompanhar as inovações formais, inspiradas na arquitetura néo-clássica e o aperfeiçoamento das técnicas de construção que se operavam nos países mais adiantados da Europa.

Foi só na segunda metade do século, com a instalação das ferrovias, a imigração e, finalmente, a abolição do regime de trabalho escravo, que os aperfeiçoamentos das técnicas de construção e as novas formas de organização das habitações vieram a alcançar maior divulgação. Já no fim do século, mesmo as residências menores eram construídas de tijolos, com detalhes mais perfeitos, quase sempre com alguns equipamentos importados e tinham sua composição influida pelos princípios do Ecletismo.

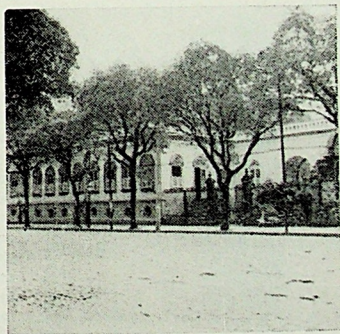
Essas transformações operavam-se como implicações dos dois grandes movimentos artísticos — o Néo-Classicismo e o Ecletismo — aqui desenvolvido por influência da arquitetura européia — de sorte que o seu estudo pode tomá-los como ponto de partida.

I *Néo-Classicismo*

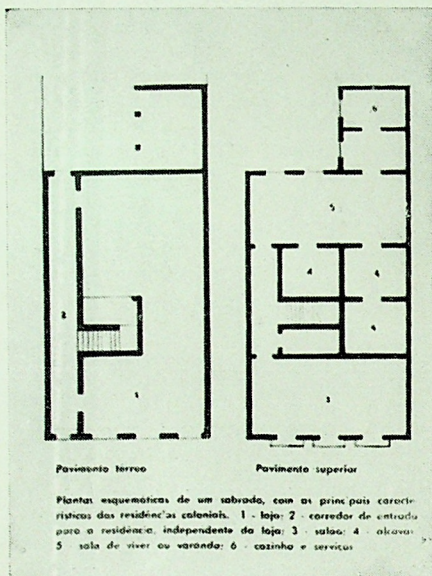
O movimento néo-clássico na Europa, corresponde ao início da era industrial. Assume, na França, um tratamento formal mais vivo, nos tempos de Napoleão Bonaparte, constituindo estilo oficial, cujas variações influíram sobre a arquitetura, pintura, vestuário a arquitetura de interior e objetos de decoração.



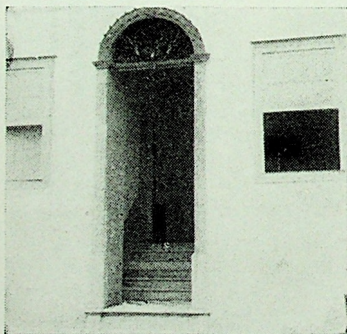
HOSPÍCIO D. PEDRO II NA PRAIA VERMELHA, RIO DE JANEIRO, segundo uma vista de Victor Frond, que ilustra o livro de Charles Ribeyrolles, "Brasil Pitoresco" (c.1960). Sobre a platibanda, que oculta o telhado, podem ser observadas as figuras de louça do Pôrto. Outro detalhe característico, são as bandeiras sobre as janelas, em arco pleno. Com seu acabamento refinado e o corpo de entrada em granito composto de escadaria, colunata e frontão, esse edifício é um exemplo perfeito da arquitetura oficial de meados do século XIX, no Brasil e da influência neo-clássica exercida pela Academia Imperial de Belas Artes.



ASILO SÃO CORNELIO — RUA DO CATETE — RIO DE JANEIRO — Tanto no exterior como no interior essa antiga residência conserva as características da arquitetura mais refinada de sua época.



**ESQUEMA DE PLAN-
TA DE SOBRADO
TRADICIONAL —**
Durante o século XIX,
as construções mais
comuns conservavam,
quase sem alteração,
os padrões coloniais,
continuando baseadas,
para produção e uso,
na abundância de
mão de obra escrava.



**RESIDENCIA EM TAUBATÊ,
ESTADO DE SÃO PAULO —**
Instaladas sobre o porão, os
salões têm suas janelas afa-
stadas do nível da rua. O es-
quema, que constituía uma no-
vidade, estabelecia uma diferen-
ça nítida entre os edifícios re-
sidenciais e os dedicados ao
comércio. O acabamento geral
incluía apenas alguns elemen-
tos de sentido neo-clássico como
a platibanda e as janelas.

Quando no início do século XIX, a instalação da Córte Portuguesa no Rio de Janeiro exigiu que se dotasse a cidade, ao menos em seus aspectos mais formais dos requisitos de capital de um reino europeu, o problema foi solucionado com a vinda da Missão Cultural Francesa, dirigida por Lebreton, antigo secretário do Instituto de França. Esperava-se, dessa forma, processar uma atualização dos meios artísticos brasileiros, com a substituição dos padrões barrôcos, aqui ainda vigentes, pelos néo-clássicos. As soluções néo-clássicas prolongam-se por quase todo o século XIX e pode-se dizer que se mantiveram enquanto durou o Império no Brasil. Seus exemplos tardios coincidem portanto, no tempo, com o início do Ecletismo no Brasil.

A missão cultural francesa, chefiada por Lebreton, chegou ao Rio de Janeiro no início de 1816, incluía, entre diversos artistas quase todos de renome na Europa, um engenheiro mecânico, François Ovide, e diversos artífices.

O objetivo do então príncipe regente era inicialmente “estabelecer no Brasil uma Escola Real de Ciências, Artes e Offícios”. Elaborado sob a influência do Conde da Barca, o projeto constituía um primeiro passo para a instalação de um Instituto Acadêmico, isto é, uma universidade. Com o falecimento do Conde e os acontecimentos políticos ulteriores e ainda em decorrência de pressões exercidas por alguns interesses contrariados, foi sendo postergado, de sorte que somente a 5 de novembro de 1826 foram inaugurados os cursos da que foi denominada Academia Imperial de Belas Artes.

No decênio que medeia entre a chegada da Missão e o início de funcionamento dos cursos, as atividades artísticas e didáticas de seus componentes revelam a importância do papel que desempenharam junto à Córte e no panorama da cultura do Brasil. Grandjean, como arquiteto, realizava obras de destaque. Assim, além do “Edifício da Praça do Comércio, hoje demolido, do grande salão do expediente da Alfândega, do antigo mercado da Candelária e de numerosas residências particulares”, (1) foi autor do projeto do prédio da própria Academia, obra que, apesar das diversas modificações sofridas, marcou uma etapa na arquitetura brasileira.

Iniciados os cursos em 1827, permaneceu Grandjean de Montigny como professor até 1850.

(1) Taunay, Afonso de, *A Missão Artística de 1816*, Publicações de DPHAN, Ministério da Educação e Cultura, Rio, 1956, pg. 230.

Nêsse período identificou Morales de Los Rios, cêrca de 50 discípulos seus, entre os quais se destacam nomes como Araújo Pôrto Alegre, Jacinto Rebelo e J. Cândido Guillobel. Conseravam-se ainda hoje muitos dos edifícios construídos por êsses arquitetos, como o Palácio do Itamarati e o Palácio Imperial de Petrópolis.

Essa arquitetura era caracterizada por uma linha geral de clareza construtiva e plástica. A ornamentação limitava-se à exploração formal de alguns elementos construtivos como cornijas e platibandas. Estas últimas, introduzidas como novidades, conferiam às composições das fachadas o aspecto de retângulos, uma vez que ocultavam os telhados e as calhas.

A composição era em geral marcada por meio de pilastras e, sôbre estas, no arremate das platibandas, alinhavam-se objetos de louça do Pôrto, principalmente representando, em alegorias, as estações do ano, os continentes, as virtudes, etc.

Enquadradas entre frizos e pilastras, as coberturas ostentavam apenas, como decoração, discretas cimalthas, ou, o que era mais comum, arremates em bandeira com a forma de arco pleno, nas quais o gôsto da época se comprazia em localizar rebuscados desenhos com vidros coloridos, geralmente com a forma de rosáceas.

As paredes, sempre de pedra ou tijolo, eram revestidas e pintadas em côres suaves, — branco, rosa ou azul — sôbre as quais destacavam-se os enquadramentos dos vãos, em pedra aparelhada.

Êsse tipo de composição predominava nos exteriores e fazia fundo, nos edifícios principais, para os corpos salientes da entrada, que recebiam tratamento especial. Nessas partes a arquitetura tornava-se mais formal. Em pedra aparente — no Rio de Janeiro sempre em granito — dispunham-se escadarias, colunatas e frontões, formando conjuntos de linhas severas e de rigoroso atendimento às normas de arquitetura greco-romana (2).

As obras principais estruturavam-se com paredes de pedra ou tijolo e sua execução era entregue, em geral, a grupos

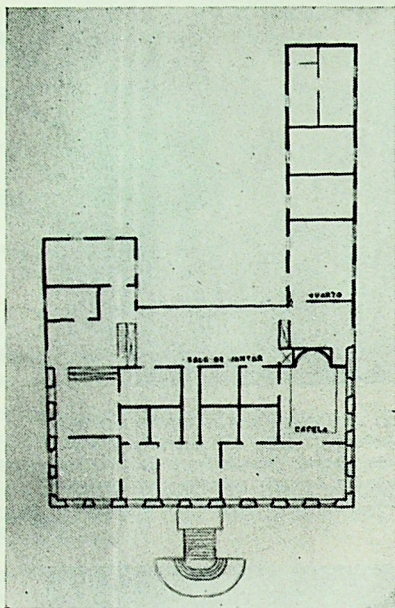
(2) A composição se fazia com base em elementos nitidamente arquitetônicos, e a decoração surgia como um complemento dêstes, como no caso do tímpano do frontão da velha Academia que abrigava "um baixo relêvo em terracota representando Febo em seu carro luminoso". Cf. Taunay, opus. cit., pág. 300.



FAZENDA DO SECRETÁRIO — VASSOURAS, ESTADO DO RIO DE JANEIRO — Vista de cerca de 1860, de autoria de Victor Frond, que ilustra o livro de Charles Ribeyrolles, “Brasil Pitoresco”. A utilização de soluções formais próximas dos padrões da Corte, na arquitetura rural, como nesse exemplo é excepcional.



SALÃO DA FAZENDA — VASSOURAS (Cf. Goodwin e Kidder Smith, *Brazil Builds* — The Museum of Modern Art, New York, 1943 — pag. 36).



PLANTA DA RESIDÊNCIA DA FAZENDA "RESGATE" NO MUNICÍPIO DE BANANAL, ESTADO DE SÃO PAULO — CF. ANDRADE, RODRIGO M.F. Como nas residências urbanas, a planta é organizada em torno de um corredor central e de uma saleta de entrada à direita desta fica o grande salão, descrito por Zaluar e, a seguir, o balcão da capela, com uma entrada principal e em baixo, ao nível do porão. A estrutura, de adobes (tijolos de barro, secos ao sol) era de grande simplicidade.



CHÁCARA DO CARVALHO, EM SÃO PAULO — A antiga residência do Conselheiro Antonio Prado, nos Campos Eliseos, instalada numa chácara — hoje muito reduzida — era arrematada segundo os mais rebuscados preceitos acadêmicos de sua época. Incluía porém, em proporção significativa, elementos de metal, como balcões, gradis e luminárias.

de oficiais mecânicos estrangeiros (3). Ao mesmo tempo, o aperfeiçoamento técnico estava na dependência, para todos os elementos de acabamento, de materiais importados da Europa, como vidros, ferragens, marmores, luminárias, calhas e até mesmo folhas de madeira para portas e janelas.

Com essa orientação podem ser encontrados exemplos importantes de arquitetura, em várias regiões brasileiras. É o caso de Salvador e Belém do Pará, mas sobretudo Recife, onde, em 1840, chegava o engenheiro francês Louis Léger Vauthier, para dirigir as obras públicas.

As ocorrências de maior importância, porém, situam-se em torno do Rio de Janeiro e na região Centro-Sul em geral, que passava, nessa época por uma fase de intensa prosperidade, devida à cultura do café. É portanto dessa região que vamos poder recolher a maior parte de nossos exemplos (4).

Esse tratamento, formalmente próximo do que se poderia considerar uma estética racionalista, claramente influido pelos avanços da técnica e da engenharia da época, seria transformado, progressivamente, no sentido de um receituário acadêmico, de sorte que, na segunda metade do século XIX, ainda que conservasse a denominação de Néo-Clássico, representava apenas uma cópia formal e sem conteúdo construtivo, mais rigoroso, de modelos do passado, sobretudo do Renascimento e do Barroco francês e italiano. A escolha dos modelos, tornada aleatória, passaria a revelar, portanto, a influência do Ecletismo e todos os inconvenientes da licença formal, por esse representada (5).

A essa transformação do caráter geral da arquitetura, correspondeu um novo modo de organização dos espaços interiores.

A austeridade e quase rusticidade dos interiores dos tempos coloniais, vinham substituir tendências de grande valorização decorativa. Revestiam-se as paredes com papéis coloridos de motivos ornamentais, importados da Europa, capazes de disfarçar, mesmo nas construções mais grosseiras, as imperfeições de acabamento.

(3) Cf. Vauthier, L., *Diário íntimo do engenheiro Vauthier*, Prefácio e notas G. Freire, Rio de Janeiro, SPAHN, 1940.

(4) Durante sua permanência realizou diversas obras, das quais a mais conhecida é o Teatro Santa Isabel.

(5) Cf. Benévolo, L., *História da Arquitetura Moderna*, Tradução espanhola Taurus Ed., Madri, 1966, Vol. I, págs. 73-75.

As residências das famílias mais abastadas e mais influentes junto à Córte, localizavam-se frequentemente em chácaras, nos bairros mais afastados, dando continuidade a um velho hábito dos tempos coloniais (6). É nesse processo que têm origem os primeiros jardins (7), onde se procurava, por todos os meios, reproduzir a paisagem dos países de clima temperado.

A renovação da arquitetura das residências mais modestas, apresentava características da maior simplicidade.

No caso das residências mais comuns dos centros maiores, e das residências urbanas de províncias, as condições de técnica, materiais, mão de obra ou projeto, raramente permitiam uma fidelidade mais rigorosa aos cânones da Academia. As construções, quase sempre com o aproveitamento da mão de obra escrava, eram de técnicas rudimentares. Os elementos estruturais, de terra (taipa-de-pilão, adôbe ou pau-a-pique) e de acabamento grosseiro, não comportavam colunatas, frontões, escadarias ou quaisquer tipos de soluções mais complexas. Ficavam portanto os traços de composição néo-clássica limitados a alguns elementos secundários, das fachadas. Na maioria dos casos, era possível identificá-los apenas nas cornijas, nas platibandas, com seus jarros ou estátuas de louça ou nas vêrgas de portas ou janelas, em arco pleno.

A disposição interna dos edifícios conservava geralmente os mesmos padrões da arquitetura colonial.

Dependendo das mesmas formas de implantação, alinhamento sobre a rua e sobre os limites laterais do lote, e do trabalho escravo para o seu funcionamento, utilizando as mesmas técnicas construtivas e os mesmos mestres de obra, a arquitetura urbana deveria necessariamente apresentar ainda as mesmas plantas e as formas de uso do século anterior.

Uma inovação importante era o uso da casa térrea com pórão. Essa forma de edifício, definida como de fins exclusivamente residenciais, vinha caracterizar uma separação clara en-

(6) Ver, a propósito, *Sobrados e Mocambos*, onde Gilberto Freire descreve a residência do Barão de Itambi, no Rio de Janeiro. O sobrado, construído na Praia do Botafogo, na metade do século XIX, dispunha-se sobre o alinhamento fronteiro do terreno, mas nos fundos apresentava as características de uma chácara. No interior, a residência oferecia todas as comodidades, pois era local de constantes recepções. A "Sala de Estar servia todas as quintas-feiras para banquetes políticos. O barão de Itambi tinha força eleitoral no terceiro distrito, e era irmão do Visconde de Itaboraí", op. cit., pág. 454.

(7) No sentido atual, pois durante o período colonial mencionavam-se alguns que ficavam nos quintais, que seriam mais canteiros de flores que jardins. Outras vezes, a expressão era usada para significar quintal, horta ou pomar.

tre o local de trabalho e o domicílio. Êsses novos modelos, com o primeiro pavimento discretamente elevado em relação à via pública, só poderiam ser destinados a residências e, por êsse motivo, indicavam, nas vilas e cidades, a moradia dos grandes proprietários rurais ou pessoas que viviam de rendas.

No interior, porém, procurava-se imitar os costumes das residências mais refinadas do Rio de Janeiro ⁽⁸⁾.

Até à instalação das ferrovias, pode-se dizer que os recursos dos proprietários rurais estavam concentrados nas fazendas. A riqueza do café, sobretudo, provocou nestas um tal crescimento, que algumas chegaram a atingir a escala de verdadeiras aldeias.

As casas rurais obedeciam, em parte, aos padrões da arquitetura residencial urbana mais modesta. O acabamento exterior sofria do mesmo fachadismo. Mas era nos interiores que essa arquitetura mais se aproximava dos padrões da Côrte. Entradas, salões, capelas e salas de jantar dessas propriedades tinham os mesmos requintes de mobiliário e decoração das residências da Côrte ⁽⁹⁾. Se em alguns casos, o tratamento se mostrava mais provinciano, em outros, muito numerosos, o apuro da execução competia com o dos sobrados mais ricos do Rio de Janeiro.

Sobre as paredes de terra, erguidas por escravos, pregavam-se papéis decorativos europeus ou aplicavam-se pinturas, de forma a criar a ilusão de um ambiente novo, como os interiores das residências dos países em industrialização.

Mais tarde, já na segunda metade do século XIX, ao se instalarem as estradas de ferro e com o início da imigração, a influência da vida urbana sobre os hábitos dos grandes proprietários rurais passou a ser exercida tão amplamente, que terminou por conduzir ao absenteísmo, ou seja, a transferência da residência permanente dêsses, para as cidades.

Reproduzindo uma arquitetura com recursos quase totalmente importados ou disfarçando a precariedade do trabalho

(8) Peis Filho, Nestor Goulart, *O lote urbano e a arquitetura no Brasil*, Artigos publicados no Suplemento Literário de "O Estado de São Paulo", 1964.

(9) Rodrigo M. F. de Andrade, *Arquitetura Brasileira do Ciclo do Café — Fazenda Regato, no Vale do Paraíba*, Módulo n.º 3, Rio de Janeiro, 1955, pág. 6. Outros exemplares podem ser encontrados ainda hoje naquele município, como em diversas regiões do Brasil. Ver, a propósito, Silva Telles, Augusto C., *Vassouras, Estudo da Construção Residencial Urbana*, Tese de Livre-Docência, F. N. Arquitetura, Rio, 1961 e Franco Bueno, Roberto, *Villa (...) de Jundiáhi da Capitania de São V.le.*, Bem Estar, n. 3, pág. 2, São Paulo, 1958.

escravo, pode-se dizer que o Néo-clássico ainda que tenha influido sobre os aspectos plásticos da arquitetura, praticamente não contribuiu para o aperfeiçoamento da construção no Brasil.

A esse tipo de transformação viria responder, a partir da segunda metade do século XIX, o Ecletismo.

II *Ecletismo*

As transformações pelas quais passou a arquitetura brasileira na segunda metade do século XIX, devem ser entendidas como partes das profundas modificações verificadas no quadro sócio-econômico e tecnológico da vida nacional daquela época⁽¹⁰⁾.

As novas formas de habitar e construir não são apenas conseqüências das mudanças vividas pelos vários grupos sociais, mas parcelas importantes dessa renovação.

Respondendo a tão importantes solicitações, a arquitetura da segunda metade do século XIX correspondia, em geral, a um aperfeiçoamento técnico das habitações e a sua integração nos benefícios mais recentes da sociedade industrial.

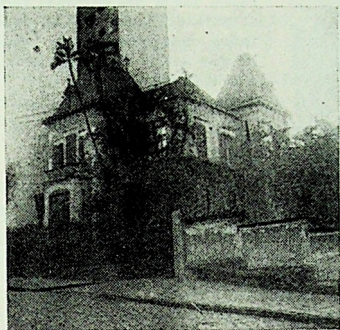
O Ecletismo foi a solução formal, utilizada de preferência no atendimento desses objetivos arquitetônicos. Seu emprego nas condições da arquitetura brasileira, não implicava basicamente, numa transformação de seus princípios, mas apenas num aproveitamento com fins diversos.

Surgindo na França, na primeira metade do século XIX, como corrente filosófica, terminaria por influir diretamente na política e nas artes plásticas, principalmente na arquitetura. "O sucesso dessa tendência filosófica foi devido ao fato de, a partir de 1830, haver ela tomado uma orientação que satisfazia, num momento ainda de crise das velhas correntes filosóficas e políticas, uma direção conciliadora. O Ecletismo propunha a todos os sistemas um tratado de paz. Ele deveria conciliá-los guardando deles aquilo que possuissem de precioso" (11).

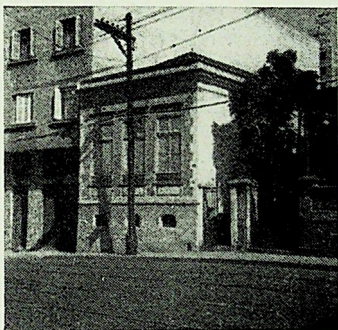
O Ecletismo na arquitetura, propondo a conciliação nas polêmicas sobre os fundamentos dos estilos históricos, que a ar-

(10) Prado Jr., Caio, *História Econômica do Brasil*, Brasiliense, 1945.

(11) Cruz Costa, João, *História das Idéias no Brasil*, José Olympio Ed., Rio de Janeiro, 1956, pág. 87.



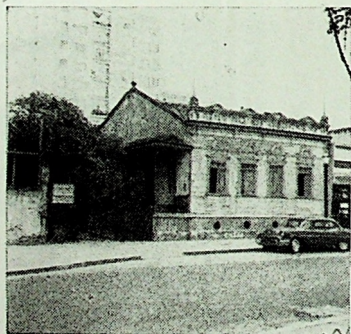
ANTIGA RESIDÊNCIA DE RAMOS DE AZEVEDO — RUA PIRAPITINGUI, SÃO PAULO — Nessa residência do que foi o maior dos construtores acadêmicos de seu tempo, em São Paulo, saltam aos olhos os elementos de influência nórdica, como o telhado inclinado, acabamento com tijolos aparentes, e as peças de metal. As construções vizinhas que faziam parte do conjunto podem ser facilmente interpretadas como versões de chalés.



RESIDÊNCIA DE DIMENSÕES DE FINS DO SÉCULO XIX. A composição se desenvolve em torno da sala de jantar — mais próxima da rua do que nas plantas mais antigas — e do corredor lateral, que, partindo da sala, conduz aos fundos da casa. O afastamento lateral permite a iluminação direta de todos os cômodos e força o desaparecimento das alcovas.



**RESIDÊNCIA EM TAUBATÉ,
ESTADO DE SÃO PAULO.** A
maior parte dos cômodos volta-
se para o alpendre; êste, recor-
tado, estabelece uma nítida
ligação entre o espaço interno
e o exterior.



**RESIDÊNCIA NO LARGO DO
AROUCHE, EM SÃO PAULO**
— O telhado, de duas águas,
assim como a fachada, ainda
são voltados para rua, prática-
mente ignorando a existência
do jardim lateral, para o qual
já se abre a porta de entrada.
Observe-se a interrupção da
platibanda e do tratamento
formal da fachada, diferente-
mente da figura acima, onde
têm continuidade nas laterais.

queologia vinha revelando, pretendia que a liberdade de escolha constituía o mais elevado grau de evolução estética, alcançado somente por uma época de grande desenvolvimento técnico e político-social, vale dizer, de grande "civilização" (12). As condições de desenvolvimento, no Brasil, eram certamente diversas das européias, mas o resultado foi semelhante.

Mesmo na escala modesta em que se processou, a evolução sócio-econômica e tecnológica implicou, para o Brasil, em profundas transformações nos modos de habitar e construir (13).

Através das estradas de ferro, difundiam-se pelo interior, novas soluções arquitetônicas e construtivas, capazes de influir, sob vários aspectos, na arquitetura residencial daquele tempo (14). Como consequência dessas transformações, pode ser reconhecido o chalé, que chegou a alcançar grande voga no Brasil.

A forma de habitação mais comum, era porém a residência com entrada ou jardim do lado, conservando, em linhas gerais, os padrões acadêmicos de composição, mas utilizando, com a maior largueza, os equipamentos de ferro fundido, fornecidos pela indústria européia. Nas casas menores, a inovação consistia em abrir um pequeno terraço de entrada, onde, nos esquemas mais antigos, ficava o início do corredor. A escada, de quatro ou cinco degraus e o patamar de acesso ficavam descobertos e, por isso, muitas vezes eram protegidos por uma armação de ferro e cobertura de vidro, como nas pequenas casas ainda existentes em ruas próximas ao centro de São Paulo, como Maria Antônia, Glória, Jaceguai e Liberdade.

Os terrenos apresentavam-se estreitos, como nos séculos anteriores e, por isso mesmo, forçavam o alongamento das construções. As casas raramente comportavam mais do que duas salas, na largura.

As residências maiores eram dotadas de um jardim lateral, que ocupava, em geral, o espaço de um outro lote. Apesar dêsse aumento de espaço livre, a construção guardava as proporções dos esquemas mais antigos. A entrada principal passava a se fazer através dos jardins, dotados de traçados geométricos de estilo francês e protegidos do exterior por altas

(12) Benévolo, L., opus. cit., vol. I, págs. 107 e 172.

(13) "É curiosa a amplitude da repercussão do ecletismo nos países de passado colonial recente", Cruz Costa, opus. cit., págs. 94-95.

(14) A Estação da Luz, em São Paulo, conserva-se ainda hoje, com a aparência original, constituindo um exemplo perfeito da aplicação daquelas técnicas construtivas, sob influência inglesa.

grades e portões de ferro. O formalismo dêsses jardins apenas desenvolvia as características surgidas já na primeira metade do século XIX e que persistiam, em linhas gerais, até as duas ou três primeiras décadas do século atual.

A entrada para a casa, começando no jardim — o que justificava o tratamento formal dêste, mais rigoroso — era feita por meio de uma escada de ferro com degraus de mármore ou granito. Na parte superior corria sempre um alpendre, também de ferro, que chegava a alcançar, em certos casos, todo o comprimento da fachada lateral e desempenhava, nas plantas, as funções de corredor de acesso; por seu intermédio, alcançava-se a sala de visitas, na frente, a sala central, de viver, e às vezes, nos fundos, a cozinha.

Os esquemas das habitações eram influidos também por razões de ordem formal. Aproveitando a prosperidade financeira, as residências das famílias mais abastadas começavam a apresentar os mesmos recursos de conforto das habitações européias de sua época. Simultaneamente, seu tratamento formal era rebuscado, de modo a atender aos padrões acadêmicos, então em voga e copiar, com maior fidelidade, os modelos europeus da época. Com êsse caráter foi construída, em São Paulo, a maior parte das residências no bairro de Campos Elíseos, uma parte de Higienópolis e a Avenida Paulista. No Rio de Janeiro, um dos exemplos mais antigos e importantes é o Palácio do Catete e, dos mais recentes, encontram-se ainda alguns na Praia do Botafogo.

Essas edificações, chamadas de néo-clássicas pelos seus arquitetos, eram porém muito diversas dos padrões trazidos pela Missão Francêsa. A clareza construtiva das obras daquela fase, foi sendo substituída por uma decoração de massa e gesso, cujos motivos, ainda que obedecessem aos modelos acadêmicos, variavam enormemente, constituindo-se, em geral, de temas do barroco francês e italiano. É fácil perceber nessa licença formal e na superficialidade de sua aplicação, a influência dos objetivos ecléticos.

Sua presença era marcada também, pela incorporação de elementos novos. As composições de caráter acadêmico mais rigoroso, como o atual Palácio dos Campos Elíseos, em São Paulo — antiga residência de Elias Chaves — vinham acrescentar-se discretamente, mas de modo constante, os elementos mais recentes, como as peças de ferro, importadas, fôsssem grades, coberturas metálicas ou balcões.

No interior das residências, as modificações acompanhavam as tendências gerais. Surgia o mobiliário “de estilo”, com imitações pesadas, das peças de tôdas as épocas e desapareciam, aos poucos os móveis ligados às tradições e ao passado colonial, tornando ainda mais pesados os arranjos do interior, que o gôsto “fin de siècle” e o exibicionismo dos ricos brasileiros transformavam em local de exposição de objetos de luxo, vasos, “bíbels”, jarrões da China, estatuetas, louças e porcelanas e tudo aquilo que pudesse parecer europeu e “civilizado”.

As novas condições em que se desenvolvia a arquitetura devem ser acompanhadas, também, através da transformação das técnicas de construção. Com os novos recursos construtivos, já foi possível à arquitetura brasileira de fins do século XIX e primeiros anos do século XX, alcançar um nível elevado de perfeição, dentro dos padrões acadêmicos. Arquitetos e engenheiros orgulhavam-se de imitar, em suas obras, mesmo nos detalhes, os estilos de tôdas as épocas ainda que dependessem, de modo absoluto quase, dos materiais importados, exerciam um domínio eficaz sobre as técnicas de construção e eram capazes de executar, com refinamento, fachadas com colunatas de metal em tôdas as formas e atender a quaisquer exigências de estrutura e acabamento, que lhes impunham as necessidades de uma arquitetura urbana em rápida evolução.

Com mão de obra de outra categoria, as paredes passaram a ser construídas de alvenaria de tijolo e cal. Transformações do mesmo alcance podem ser apontadas nos sistemas de cobertura. O prestígio dos produtos europeus veio substituir as velhas telhas coloniais, de capa e canal, por telhas de barro, de Marselha e por lâminas de ardósia. A essa modificação acompanhava a melhoria das estruturas, com a adoção dos travamentos em “tesouras” e o emprêgo de madeira aparelhada.

A transformação mais importante parece ter sido a introdução dos equipamentos destinados aos serviços domésticos. As instalações hidráulicas, de abastecimento de água e coleta de esgotos, implicavam na adoção de formas tecnicamente mais evoluídas de solucionar problemas domésticos, libertando o funcionamento das habitações, em condições de conforto, de dependência da mão de obra escrava. Surgem nessa época, portanto, os banheiros como peças definidas e constantes, nos programas e modifica-se a organização das cozinhas.

A arquitetura do século XIX e início do século XX, até a Primeira Guerra Mundial, é ainda marcada intensamente pela presença dos equipamentos de ferro forjado ou fundido. Produ-

zidos pela indústria européia, destinavam-se a todos os setores da construção, compreendendo peças estruturais e os mais variados recursos de acabamento, como ornamentos de jardim, escadas em espiral, ferragens de janelas e portas, canos, banheiros e fogões. Quando recebiam, na origem, um tratamento formal mais cuidadoso, permitia-se o seu aparecimento em alguns compartimentos, principalmente nos alpendres.

As mudanças ocorridas nas condições de vida econômico-social no Brasil, durante a segunda metade do século XIX, determinaram portanto transformações de importância no quadro geral da arquitetura daquela época. A principal delas, que parece ter sido a passagem do trabalho escravo para o trabalho remunerado, conduziu à adoção de novas formas de produção e uso da arquitetura. As profundas modificações revelam-se na escolha dos materiais de estruturação e acabamento, e nas formas de sua utilização, como a maior precisão e regularidade de acabamento.

É inegável que as mudanças formais são introduzidas segundo a orientação do Ecletismo. As condições de seu desenvolvimento no Brasil, porém, são peculiares.

Essa orientação estava apoiada em duas correntes de pensamento, da maior importância na época: de um lado o Positivismo, favorecendo o desenvolvimento e o amadurecimento da tecnologia no Brasil, dentro dos padrões da era industrial, criando condições de receptividade para todos os aspectos do desenvolvimento tecnológico e, de outro — simultaneamente — o Ecletismo, com uma perspectiva que facilitava essa transformação, assimilando as inovações aos padrões anteriores.

Conclusão

É claro, portanto, que a arquitetura brasileira atravessou durante o século XIX transformações de importância. Ao se iniciar o século era ainda uma arquitetura colonial e ao encerrar-se, já alcançava, sob vários aspectos, um elevado nível de maturidade, sendo capaz de absorver as inovações introduzidas nas sociedades industriais. O aprofundamento de seu estudo, sobretudo no que se refere à habitação, seria de todo interesse.

É somente quando se analisa o Néo-Classicismo e o Ecletismo através de suas motivações locais, que se pode compreender de que modo, menos de quatro décadas após o final do século XIX, já era possível àquela arquitetura iniciar o grande avanço que a tornou conhecida mundialmente.